



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

APRENDENDO A HUMANA DOCÊNCIA

Daliana Löffler, EMEF Eugênio Nelson Ritzel

RESUMO:

O presente texto configura-se como um relato de experiência a partir das minhas primeiras vivências de docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no município de Novo Hamburgo/RS, na EMEF Eugênio Nelson Ritzel. A partir dos desafios encontrados no início do trabalho, desenvolvi, juntamente com a equipe de gestão da escola o projeto “Conhecendo e se conhecendo” a partir do qual procurei constituir-me como docente de Anos Iniciais e desenvolver um trabalho com as crianças e suas famílias pautado no princípio freiriano de “ser gente” e “ser mais”. Apesar de estarmos dando apenas os primeiros passos, já é possível visualizarmos grandes conquistas, como por exemplo, a participação das famílias no que se refere ao acompanhamento das atividades escolares das crianças e a participação das crianças nas propostas desenvolvidas tanto na turma quanto na escola como um todo.

Palavras-chave: docência, currículo, crianças.

INTRODUÇÃO

Por que as primeiras experiências na docência são tão difíceis... afinal de contas, não nos formamos pedagogos e pedagogas para isso? Não deveríamos estar preparados e preparadas para sermos docentes? Foi a partir desses questionamentos, sobre o meu processo formativo que nasceu esse texto. Formada no curso de Pedagogia – Licenciatura Plena e portanto habilitada para atuar tanto com a Educação Infantil quanto com os Anos Iniciais, tive as minhas primeiras experiências profissionais na Educação Infantil, em um espaço que reconhecia as crianças como protagonistas de seu processo de aprendizagem e portanto assegurando-lhes uma educação emancipatória para os contextos de vida coletiva.

A busca por um porto seguro e por uma melhor remuneração enquanto professora me levou a prestar vários concursos públicos, sendo um deles para o município de Novo Hamburgo/RS para atuar nos Anos Iniciais. Após a aprovação e sequente nomeação, assumi uma turma de 4º Ano do Ensino Fundamental na EMEF Eugênio Nelson Ritzel, um desafio extraordinário para quem há quatro anos atuava com crianças de 0 a 6 anos de idade, fosse em pesquisa ou em docência.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Os desafios começaram quando eu soube que trabalharia com uma turma de 4º Ano... O que fazer? O que ensinar? Os desafios aumentaram quando entrei na sala e percebi aquilo que há muito tempo vinha estudando... Todos são diferentes: um sabia ler e o outro não sabia sequer as letras; uma sabia escrever seu nome e a outra produzia textos enormes, com detalhes, coerência e uso correto da pontuação; uma reconhecia os números e a maioria já resolvia problemas matemáticos “de cabeça”... Como dar conta dessa heterogeneidade na sala de aula?

Minha primeira ação foi recorrer à professora que já atuava com as crianças (pois eu cheguei à turma no mês de maio e as aulas haviam iniciado em final de fevereiro) que na tentativa de ajudar me passou um panorama do grupo: o que cada um já sabia fazer e quais eram as suas maiores dificuldades. Porém, ela sempre me orientava no sentido que eu deveria realizar as minhas observações e avaliar o grupo perante as minhas percepções, ou seja, as suas informações não deveriam me impedir de ter as minhas percepções sobre cada criança. Num segundo momento sentei-me com o grupo de Coordenação e Supervisão Pedagógica, os quais me orientaram a iniciar o meu trabalho, a fazer as minhas apostas nas crianças...

As minhas experiências com o grupo de professores está sendo muito positiva, percebe-se um grupo muito acolhedor, mas as vezes bastante desanimado... Em uma roda de conversa, frente a uma situação de conflito um dos colegas comentou “*Não é por nada que saímos como a pior escola no Jornal Nacional*”. Ao ouvir essa frase fiquei intrigada e busquei informar-me de que se tratava. Tratava-se então de um episódio do programa “JN no ar”, no qual os repórteres da Rede Globo de televisão visitavam escolas de todo o Brasil avaliando a qualidade do trabalho desenvolvido e em 2011, a escola na qual trabalho foi visitada e recebeu a indicação de ser a pior escola no contexto em questão. Percebi então, que esse rótulo marcou profundamente muitos profissionais, e que isso tem limitado muitos deles a avançar na qualidade do seu trabalho.

Ao assistir a reportagem percebi o quanto a escola já melhorou, seja em infraestrutura, em setor de pessoal e em relação ao trabalho pedagógico, mas parece que



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

muitos ainda não conseguem ver isso....Então, foi nesse contexto que nasceu o projeto “Conhecendo e se conhecendo” o qual tem como objetivo principal *conhecer o grupo de crianças e os seus contextos familiares para desenvolver ações pedagógicas que sejam significativas às crianças e a comunidade escolar*. Portanto, o texto que segue apresenta os caminhos metodológicos do projeto e alguns dos primeiros resultados, que evidenciam as potencialidades da escola e da turma em questão, os quais tem sido significativos na minha constituição enquanto sujeito docente nos Anos Iniciais.

METODOLOGIA

O desenvolvimento do projeto “Conhecendo e se conhecendo” tem ocorrido através de observações e registros das ações cotidianas na sala de aula, as quais são realizadas por mim em um arquivo digital de registros e do contato com as famílias através de Cartas Pedagógicas, do envio de tarefas a serem realizadas coletivamente entre as crianças e seus familiares e do envio de um informativo o qual denominei Informativo 4°C.

Ser docente implica em muito mais do que simplesmente planejar uma aula e desenvolvê-la.... A docência está intimamente ligada com a relação entre o que propomos e a vida das crianças, ou seja, propor algo implica em pensar no que as crianças já fizeram e quais são as possíveis relações que seguirão. Mas o que é realizado com as vivências das crianças? Como as famílias ficam sabendo o que as crianças fazem na escola? Apenas pela devolutiva de provas e trabalhos? Nesse sentido, tenho desenvolvido ações de observações e registros do que acontece entre eu e as crianças, os quais tem servido de subsídios para eu repensar as minhas ações futuras e para a construção do “Informativo 4°C” que tenho enviado periodicamente às famílias, narrando algumas das vivências das crianças que não foram transformadas em palavras e registradas nos seus cadernos.

As autoras Barbosa (2010) e Rinaldi (2012) destacam a importância da observação e dos registros das ações educativas, para elas registrar o que as crianças



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

fazem na escola implica em dar visibilidade às ações infantis na trajetória educacional além de obter ferramentas para recordar e desencadear um processo de reflexão sobre o proposto e o vivido pela criança, o que servirá de base para a (re) construção do planejamento. Fotografar, filmar e anotar são maneiras através das quais os educadores podem construir a história da criança durante o período de tempo que esteve com ela, além de demonstrar respeito pelas ações das crianças e não uma preocupação apenas com os resultados finais, ou seja, não registrar em planilhas se as crianças sabem ou não identificar o valor posicional do numeral ou se reconhecem ou não centena, dezena e unidade, mas observar e valorizar se no decorrer dos dias elas também têm melhorado nas suas responsabilidades de trazer material, as tarefas ou se tem sido mais amável e respeitosa com seus colegas e funcionários da escola, por exemplo.

As autoras em questão destacam a importância de compartilhar tais registros com as crianças, para que elas possam fazer as suas próprias reflexões acerca do que viveram. Diante disso, destaco que ainda não consegui desenvolver esse processo com as crianças, mas é uma das ações previstas no projeto, por exemplo, comparar os registros das crianças em momentos de jogos coletivos, como estão as ações de respeito ao outro, as regras do jogo....

O uso de Cartas Pedagógicas foi uma estratégia para se aproximar das famílias e também aproximá-las do contexto escolar. Primeiramente enviei uma carta me apresentando e contando um pouco da minha vida, das 29 cartas enviadas, 12 retornaram no dia seguinte e nos demais dias obtive o retorno de mais 5 cartas. As cartas vinham com histórias emocionantes narradas pelas famílias ou pelas próprias crianças, com ou sem a ajuda de alguém. Com esse trabalho tive um panorama das famílias que tem o hábito de auxiliar suas crianças nas tarefas escolares. Todas as cartas foram respondidas e hoje estamos na terceira rodada de envio de cartas, entre eu e as famílias, compartilhando sonhos, conquistas, alegrias, desabafos....

De acordo com Camini (2012. p.8) *as cartas pedagógicas precisam ser escritas, bem como lidas e respondidas, pois, assim, compõe-se um círculo cultural que, além de promover comunicação, gera conhecimento e libertação.* A autora destaca que as Cartas



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

Pedagógicas precisam ser escritas em uma linguagem acessível à todas as camadas populares e contêm uma intencionalidade pedagógica, ou seja, tratam de questões que dizem respeito à uma formação humana e humanizadora. Nesse sentido, tive o cuidado ao preparar a redação das cartas, pois eu sequer sabia se as famílias das crianças sabiam ler, *pois uma Carta só terá cunho pedagógico se seu conteúdo conseguir interagir com o ser humano, comunicar o humano de si para o humano do outro, provocando este diálogo pedagógico (p.35).*

Além de trocar informações mais pessoais com as famílias tenho tido o cuidado de ressaltar os aspectos positivos que temos na nossa turma, através do “Informativo 4°C”. Até o presente momento as famílias receberam dois informativos, o qual foi elaborado por mim a partir dos registros das observações. A proposta é que o envio seja mensal e que as crianças, ao refletirem sobre os registros, possam estar participando da redação desse Informativo.

Na sequencia, serão apresentados alguns resultados iniciais desse trabalho.

As cartas...

Sabe professora, já faz muitos anos que eu tenho filhos aqui nessa escola e a senhora fez uma coisa tão linda, mas tão linda que eu nunca tinha visto. Aquela cartinha que a senhora mandou, ai me deixou tão feliz, eu achei isso tão lindo. A senhora se importa com o meu filho!

As palavras descritas acima me foram presenteadas por uma mãe no dia em que a conheci, sentido-se gente, sentido-se mais ao receber uma carta, essa mãe me desafiou a fazer algumas reflexões acerca do processo de humanização na escola.

Aprender a ser humano, somente é possível quando se tem condições de constituir diálogos e interações com outros seres humanos e com o mundo. Por ser um espaço tempo no qual gerações se cruzam e trocam saberes e vivências, a escola também configura-se como importante na construção desse processo, não só com as



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

crianças, mas com toda a comunidade escolar. Na escola adultos vêm se fazendo humanos, e as jovens gerações querem aprender a “ser mais”, interagindo e dialogando uns com os outros e com os seus mestres. Por isso Arroyo (2001) diz que a função de ensinar deve ser reinterpretada, e não desprezada, mas que

a recuperação do sentido de nosso ofício de mestre não passará por desprezar a função de ensinar, mas reinterpretá-la na tradição mais secular, no ofício de ensinar a ser humanos. Podemos aprender a ler, escrever sozinhos, podemos aprender geografia e a contar sozinhos, porém não aprendemos a ser humanos sem a relação e o convívio com outros que tenham aprendido essa difícil tarefa. Que nos ensinem essas artes, que se proponham a planejem didaticamente essas artes. Que sejam pedagogos, mestres desse humano ofício (ARROYO, 2001, p. 54).

Nesse sentido, o humano ofício não se faz só, mas sim com o acompanhamento das famílias, as quais historicamente são criticadas por não acompanhar os processos escolares das crianças. Na tentativa de promover uma integração maior entre esse segmento da comunidade escolar e a escola geralmente solicita-se a sua presença na escola, orienta-se que perguntem sobre seus filhos, que procurem integrar-se do que a escola está fazendo, quais são seus projetos. Porém, as várias tentativas têm se mostrado frustrantes, pois os pais não comparecem; só vão para a escola para buscar o desempenho dos filhos ao final do bimestre ou trimestre, isso quando sabem qual série que seu filho frequenta. De um lado a escola convida com intuito de proporcionar uma educação democrática; de outro, os pais alegam-se frustrados, pois quando comparecem dizem só receber críticas sobre seus filhos, e isso desestimula a participação na vida escolar.

Diante desses relatos, o meu desafio foi o de mostrar às famílias o quanto elas são importantes, isso através das estratégias apresentadas anteriormente. Como resultados, percebi que muitos pais passaram a trazer e a buscar as crianças na escola, muitos vieram à entrega dos relatórios trimestrais, a maioria das crianças têm realizado as tarefas de casa e principalmente, os diálogos através das cartas tem se intensificado.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Os diálogos que tem sendo construídos, se dão sempre no sentido de valorizar as potencialidades das crianças e de desafiá-las a dizer as suas palavras.

Perante isso, fiquei muito emocionada ao ler uma das cartas na qual a família comentava sobre uma atividade de construção de jogos com material reciclado, na carta constavam as seguintes palavras:

Eu gosto das aulas a 'ssora' traz jogos, é bem legal. Quando nós jogamos com material reciclado eu acho que ela se divertiu também por que ela sorriu.

Diante disso, percebi que mais do que ser professora de conteúdos eu sou professora de gente, de gente que sente, que ama e que sonha, de gente que talvez sorrir seja muito mais significativo do que multiplicar ou identificar o sujeito da frase. De fato, não se conquista uma vaga no ensino superior ou na fábrica de calçado apenas sorrindo, os conteúdos são necessários, porém, na escola também se aprende a ser gentil, responsável, pontual, companheiro.... dimensões humanas tão necessárias na difícil arte de viver quanto os conhecimentos.

Há quem diga que pelo fato de estarmos na Capital Nacional do Calçado, o destino das crianças é serem operários nessas fábricas. Tudo bem, é uma possibilidade, mas enquanto educadora que entende o papel da escola no processo de humanização das crianças, não irei reduzir as crianças a empregáveis e transformar minha docência em treinamento, tampouco reduzir o direito de conhecer as maravilhas do mundo à competências exigidas pelo mercado (Arroyo, 2011, p.102).

CONCLUSÕES

A partir do trabalho desenvolvido nesses poucos meses percebo que talvez a escola pública seja o local onde mais se refletem as desigualdades sociais e a dificuldade de trabalhar com o humano de cada um. E é no trabalhar com o humano, que o educador se vê na função de ajudar os seus semelhantes; seria muito fácil chegar



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

na escola e encher o quadro com cálculos, textos ou questões para responder, impondo o meu ritmo e dizendo como as coisas deveriam acontecer.

Porém acredito que *educar não é transferir conhecimentos* (FREIRE, 1996, p. 47), mas é olhar para cada criança e entender que cada uma tem a sua história de vida, que cada uma vem de um contexto e que o meu papel é acreditar no potencial de cada uma delas, desenvolvendo um trabalho pautado na criticidade e na emancipação humana.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre**, Imagens e auto imagens. 3ª ed. Petrópolis/RJ:Editora Vozes, 2001.

_____. Currículo, territórios em disputa. 2ª Ed. Petrópolis/RJ:Editora Vozes, 2011.

BARBOSA, M.C.S. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 85-96, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao>

CAMINI, Isabela. **Cartas Pedagógicas aprendizados que se entrecruzam e se comunicam**. Porto Alegre: ESTEF, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários para prática educativa. 6ªed. RJ:Paz e Terra, 1996.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia - Escutar, investigar e aprender** (2012) Paz e Terra. São Paulo.